

Cartas à Redação, História e Memória. Temores e as expectativas para as Eleições Presidenciais de 1989

Willian Santos Pereira¹

Resumo: A redemocratização do Brasil, durante a década de 1980, é um evento recente que podemos destacar na história do país. Vinte e nove anos após a última eleição com voto direto, eleitores de toda a nação puderam escolher, entre diversos candidatos, o presidente da República. Os meios de comunicação impressos tiveram grande importância na cobertura da transição política ocorrida em todo cenário político nacional. Dialogando com a sociedade, a imprensa noticiou, discutiu e abriu espaço para o público expor suas opiniões, críticas e sugestões, onde, um dos meios encontrados pelos leitores foi por meio das chamadas Cartas à Redação. O presente artigo analisa as cartas que foram publicadas pela revista Veja no ano de 1989 que fazem referência a Fernando Collor de Mello e evidencia como ocorreu a representação da imagem política do candidato por parte dos leitores nas páginas da revista durante a eleição presidencial do mesmo ano.

Palavras-chave: Memória; Imprensa; Democracia; Fernando Collor de Mello; Imagem Política; Cartas à Redação.

Letters to the Editor, History and Memory. Fears and expectations for the 1989 Presidential Elections

Abstract: The redemocratization of Brazil, during the 1980s, is a recent event that we can highlight in the history of the country. Twenty-nine years after the last direct ballot election, voters from across the nation were able to choose, among several candidates, the President of the Republic. The printed media had great importance in covering the political transition that took place in every national political scenario. Dialogue with society, the press reported, discussed and opened space for the public to expose their opinions, criticisms and suggestions, where one of the means found by readers was through the Letters to the Newsroom. This article analyzes the letters that were published by Veja magazine in the year 1989 that refer to Fernando Collor de Mello and shows how the representation of the political image of the candidate occurred on the pages of the magazine during the presidential election of the same year.

Keywords: Memory; Press; Democracy; Fernando Collor de Mello; Political Image; Letters to the editor.

Artigo recebido em 01/11/2016 e aceito em 01/12/2016.

Introdução

História e memória se entrelaçam. Ambas lidam com o passado e buscam de alguma maneira nos amparar no presente, seja a partir da experiência vivida ou do acontecimento revisitado em forma de conteúdo historiográfico. Desde a reaproximação entre a memória e a da História do Tempo Presente, a partir da segunda metade do século XX, diversas maneiras de praticar essa parceria foram elaboradas e complexas dúvidas sobre como trabalhar com as singularidades de ambos respeitando suas especificidades surgiram. A memória é carregada pela experiência, pelo vivido e cabe ao historiador saber integrar tais narrações e depoimentos no contexto histórico em estudo, respeitando o ponto de vista, a vivência e, principalmente, o agente com quem dialoga.

A memória nos acompanha em vida, a todo instante. Usamo-la para lembrar o caminho do trabalho, para cozinhar, para contar experiências de vida. O ato de lembrar é tão enleado à pessoa que muitas vezes nem nos damos conta de que estamos reproduzindo experiências e aprendizados que construímos em vida. Por isso, para se trabalhar história e memória temos um ator principal, o entrevistado. Cabe ao historiador percorrer entre seu papel de entrevistador e ouvinte, garimpando pensamentos que encaixem de alguma forma em seu estudo, mesmo que ele não ouça o que espera ouvir. A memória nos coloca em uma corda bamba que pode nos fazer sair do óbvio, tornando assim o ato de remontar o passado uma busca surpreendente.

Após uma fase de busca de legitimação posterior à Segunda Guerra Mundial, o recurso às fontes orais e à temática dos eventos traumáticos tornou a questão do testemunho proeminente. Muito dessa história se fez a partir do depoimento dos que sobreviveram a aqueles eventos. Frequentemente, isso se deu com o propósito explícito (e político) de se evitar o esquecimento^{II}.

O principal ator da memória é o entrevistado, seu ponto de vista é especial e único, por isso, a entrevista é o recurso mais lembrado quando se trata de memória e história oral. Esse artigo, diferente da maioria dos estudos da memória, não utiliza entrevistas diretas e a história oral para sua construção, tentamos aqui utilizar as fontes que relatos pessoais, depoimentos de determinada época e assunto que foram feitos em cartas enviadas por leitores e publicadas pela imprensa. Pretendemos saber se é possível identificar e trabalhar os traços de memória em depoimentos escritos, e como o leitor se sente e se expressa, utilizando o passado e sua vivência para discutir o presente.

A narração da experiência está unida ao corpo e a voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração. A linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepêvel), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar^{III}.

O discurso é uma prática de linguagem em movimento, não é apenas a palavra isolada e sim o conjunto de sentido e significados que o homem utiliza para, de alguma forma, se expressar. O pesquisador deve extrair sentido do texto relacionando a linguagem com o que o enunciador tem a dizer e assim tentar perceber formas de expressão, particularidades,

ideologias presente no discurso, podendo também ser observada a relação entre língua e ideologia, portanto, a linguagem de discurso, segundo Eni Pulcinelli Orlandi:

Não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica. Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade^{IV}.

A análise do discurso não se limita apenas à interpretação para desenvolver a pesquisa, ela trabalha com o discurso em conjunto com sua significância, buscando compreender o texto, valorizando seu conteúdo, diálogos e limites. O pesquisador precisa perceber as minúcias e significados presentes na fonte, principalmente suas particularidades e ideologias presentes no texto, para identificar características relacionadas ao personagem em estudo.

Utilizamos como tema a ser abordado a eleição presidencial de 1989 e a relação do leitor com o candidato Fernando Collor de Mello, um candidato jovem que foi relacionado por muitos eleitores como sinônimo de renovação e esperança. Considerada por muitos a última etapa da redemocratização brasileira pós Ditadura Militar, a eleição de 1989 é um evento recente, pouco estudado, que podemos destacar devido à apreensão e importante participação popular durante todo o processo. Vinte e nove anos após a última eleição com voto direto, eleitores de toda a nação puderam escolher, entre diversos candidatos, o Presidente da República. Os meios de comunicação impressos tiveram grande importância na cobertura da transição política ocorrida em todo cenário político nacional. Dialogando com a sociedade, a imprensa noticiou, discutiu e abriu espaço para o público expor suas opiniões, críticas e sugestões. A partir desse campo de diálogo aberto pela imprensa, que relacionaremos a opinião do leitor a respeito do candidato Fernando Collor, identificando temores, desejos, anseios e expectativas representadas, e como mostraremos, tais relatos são por diversas vezes sustentados pela experiência vivida, com exemplos e lembranças descritas. Muitos leitores evidenciam o desgosto, o medo, o trauma, mas também a esperança de um futuro melhor. O eleitor então, se via, finalmente, como agente principal nesse momento tão importante da política brasileira e uma das maneiras encontradas pelos leitores para se expressarem fora por meio das chamadas Cartas à Redação.

A teoria circular de comunicação

Quem escreve para alguém espera por ser lido e, principalmente, por ser respondido. A ideia de que a comunicação era estabelecida de forma linear, ou seja, de que o emissor transmitia uma mensagem ao receptor e de que esse segundo sujeito apenas receberia a informação, não fazendo ele também parte da comunicação de forma ativa perdeu força logo na primeira metade do século XX^V. A partir dos anos 1950 novos estudos passaram a afirmar que a comunicação é algo circular, que a relação do receptor com o texto é também ativa, uma vez que essa apropria-se, interpreta, critica, responde e assim também tornar-se um emissor^{VI}.

A teoria circular da comunicação, valorizou o receptor, que fora transformado em co-enunciador. O enunciador, a partir dessa teoria, deixou de ser visto como dominante e passou a dialogar com o leitor. Quem publica pensa em determinado público e espera uma resposta, um diálogo entre as partes. Segundo Diana Pessoa de Barros, devido a essa mudança teórica, a comunicação, deve ser, portanto:

(...) repensada, nesse quadro, não mais como um fenômeno de mão única, do emissor ao receptor, mas como um sistema interacional. Nesse sistema interacional importam não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor^{VII}.

Mikhail Bakhtin ao dialogar sobre a compreensão e fronteiras de um enunciado, diz que todo ato de compreensão implica uma resposta^{VIII}, logo, a compreensão e apropriação do leitor sobre determinado texto promove um diálogo entre o enunciador e o leitor. Os jornais e revistas, cientes de seu público elaboram seu conteúdo pensando em sua recepção. Seus leitores precisam se identificar com o tema, se interessar pelo produto para assim continuar adquirindo o mesmo. Essa teoria foi essencial para entendermos como o leitor se torna enunciador e ganha espaço para se expressar na imprensa.

As cartas publicadas pela imprensa normalmente se relacionam a notícias das antigas edições do jornal ou da revista. Nelas, o leitor da sua opinião sobre o acontecimento transformado e veiculado em forma de notícia pelo impresso. A opinião do leitor é variada e as cartas são uma fonte interessante, pois elas fogem do óbvio, do bom senso e muitas vezes seu conteúdo acaba surpreendendo. É muita forma de resposta, em que o receptor é transformado em co-enunciador e dialoga com a revista e o público.

A Década Perdida e a frustração popular

A transição política da Ditadura Militar para a Democracia no Brasil foi um complexo processo que teve início nos anos finais da década de 1970 com a Lei da Anistia e concretizou-se já no fim da década de 1980, com as eleições presidenciais de 1989. Grande parcela dos cidadãos brasileiros ansiava pelo fim da Ditadura Militar, instaurada no país com o golpe de Estado de 1964. Já em meados de 1978 o regime demonstrava sua perda de forças e a insatisfação popular com a situação política, censura, repressão e a grave crise econômica se tornaram evidentes.

Para muitos, o fim do regime militar era sinônimo de renovação política e econômica para o país que estava desgastado com o comando dos militares. Ter o poder de voto e a autoridade de poder estar ajudando a determinar o futuro do país era um desejo alimentado por muitos e o direito a escolha era visto como um sonho de mudança.

Entretanto, o processo de abertura política foi lento e extenuante devido à pressão dos militares por uma abertura política devagar e segura. O cidadão brasileiro que vivenciou a redemocratização ficou desgastado com o encadeamento de acontecimentos no período em questão e ficou marcado por processo que contou com várias derrotas ao apelo popular. A grande manifestação da população durante todo o processo foi um grande diferencial dessa transição política porque, diferente das outras transições ocorridas no Brasil, a redemocratização se destaca pelo interesse e participação do povo, que estava insatisfeito com o governo vigente e buscava por mudanças tanto administrativas quanto a respeito da situação em que o país se encontrava.

Por diversas vezes, as expectativas dessa grande parcela da população que buscava o direito ao voto e eleições diretas, ou apenas o fim da ditadura civil militar foram frustradas, ora pelo sistema político, ora por simples azar. A Lei Nº 6.683, popularmente conhecida como Lei da Anistia, apesar de ser uma vitória contra a Ditadura Militar, foi sabiamente usada pelo governo para impedir que crimes de tortura e assassinato de presos políticos fossem a julgamento; Os anos de 1983 e 1984 foram marcados por manifestações populares em prol de eleições diretas, as chamadas “Diretas Já”, movimento frustrado devido a não aprovação da proposta reivindicada pelo povo, a Emenda Dante de Oliveira, mas apesar de frustrado, o movimento é um importante acontecimento da redemocratização, que demonstrou a vontade de boa parte da população, sendo lembrado por muitos até os dias atuais. Depois de decretado o fim do regime, a eleição indireta de Tancredo de Almeida Neves para a presidência da República no pleito presidencial indireto em 1985 foi motivo de esperança para grande parte da sociedade, dando fôlego e ânimo para o cidadão que logo se decepcionou, pois o candidato

eleito faleceu no dia 21 de abril do mesmo ano, enchendo novamente o cenário brasileiro de dúvidas e desalento.

Portanto, boa parte da população trazia consigo uma série de frustrações e insatisfações resultantes das desventuras ocorridas durante o período de redemocratização. Além da tradicional descrença popular com a política nacional, o país durante a década de 1980 ainda enfrentou uma intensa crise econômica e por isso alguns autores chamam essa época de “Década Perdida”, pois a crise desestabilizou a situação de milhares de famílias, assim como de inúmeras empresas brasileiras, tal situação que perdurou durante todo o governo José Sarney, que concluiu o mandato deixando de herança um país em grave crise econômica.

A Constituição Federal promulgada em 1988 convocou eleições presidenciais para o ano seguinte, ela deveria ser realizada com voto direto, ou seja, pela primeira vez desde 1960 o povo iria às urnas escolher o novo presidente do país. Desejos e temores que foram cultivados durante anos finalmente teriam voz e o povo cansado pela série de frustrações apresentadas poderia, por fim, ter voz.

Cidadania na Eleição Presidencial de 1989

A após vinte e nove anos sem eleições diretas para presidente da república, a eleição presidencial de 1989 proporcionou, pela primeira vez a uma grande parcela da população, o voto direto para escolha do novo presidente do país. Ao analisar os principais atores da redemocratização, a participação popular consolida-se como agente de grande importância em todo o processo de transição política. José Murilo de Carvalho destaca a valorização que o conceito cidadão recebe após o fim da ditadura militar, enfatizando o brasileiro como peça fundamental para a consolidação da democracia no Brasil^{IX}. Ao analisarmos de forma concisa o cenário político e social da época constatamos que o eleitorado de 1989 trazia consigo diversas incertezas, mas que sentia esperança por finalmente ter em mãos o direito ao voto, que era visto por muitos como a salvação nacional^X. A atuação popular na eleição presidencial de 1989 se destaca também pelo crescimento do eleitorado que passou de 12,5 milhões em 1960 para 70,2 milhões em 1989^{XI}. O aumento justifica-se pela adesão, na Constituição Federal de 1988, ao voto facultativo os maiores de 16 anos e menores de 18 anos, analfabetos e maiores de setenta anos, e o voto obrigatório para homens e mulheres entre 18 e 69 anos, de nacionalidade brasileira^{XII}.

Vinte e dois candidatos disputaram o cargo, e é neste conturbado cenário político, econômico e social que o candidato Fernando Collor de Mello se fortaleceu. Collor, ex-prefeito de Maceió e ex-deputado federal, renunciou o mandato de governador do estado de Alagoas para lançar sua candidatura à presidência do país. Considerado por muitos como novato, se candidatou, aos 39 anos de idade, pelo Partido da Renovação Nacional (PRN), com Itamar Franco como seu vice.

Collor, durante o período de campanha, construiu uma imagem para os eleitores que seria um político diferente, moderno, que implementaria as reformas que o país necessitava. Devido as suas ideias e ao destaque do candidato no cenário político, o mesmo conquistou parte do eleitorado. Segundo o instituto Datafolha, Collor, em julho de 1988, possuía 42% das intenções de voto^{XIII}, demonstrando grande vantagem em relação aos demais candidatos. Fernando Collor de Mello venceu o primeiro turno das eleições de 1989 com 28,52% dos votos e, no segundo turno, derrotou Luiz Inácio Lula da Silva com 49,94% dos votos^{XIV}, substituindo José Sarney na Presidência da República e tornando-se o mais jovem presidente da história do Brasil.

A imprensa e Fernando Collor de Mello

A década de 1980 se destaca pela inserção cada vez mais abrangente dos meios de comunicação no dia a dia da população. A mídia buscou, de diferentes maneiras, noticiar e debater os acontecimentos desses anos de incertezas políticas e econômicas. Apesar da crescente participação da televisão no cotidiano, durante a década de 1980 a mídia impressa continuou sendo uma efetiva fonte de difusão de informação.

Até os dias atuais, a memória popular atribui à revista Veja favorecimento a Collor durante o período eleitoral. Para tentar evitar subjetividades e julgamentos sem investigação durante a pesquisa e análise, tornou-se necessário entender a relação de Collor com os meios de comunicação da época. Mario Sergio Conti contextualiza tal questão e discute a relação de Collor com a mídia, apresentando as estratégias utilizadas pelo candidato para sobressair na imprensa durante o período eleitoral, moldando sua imagem para o público a partir de pesquisas de opiniões e se adequando às expectativas da grande parcela da população. Essa pesquisa mostrou a Collor e sua equipe que parte da população almejava um presidente que combatesse a corrupção, que tivesse forças para tirar o Brasil do subdesenvolvimento e que tivesse ainda um passado limpo^{XV}. Conti, ao relatar sobre a aproximação de Collor com o corpo editorial da Veja, descreve a produção da edição 1020 da revista, intitulada, “Collor de Mello. O Caçador de Marajás”, essa edição contribuiu para o reconhecimento do futuro candidato à presidência em nível nacional, onde a expressão presente na capa “O Caçador de Marajás” tornou-se atributo para denominar o personagem, apresentando-o como forte combatente da corrupção.

A Revista Veja

A Revista Veja, publicada e distribuída pela Editora Abril, teve sua primeira edição nas bancas no dia 11 de setembro de 1968. Analisando a sessão Carta do Editor de sua primeira publicação, escrita pelo então editor e diretor da Editora Abril, Victor Civita, podemos identificar alguns dos objetivos por trás da publicação da revista, entre os principais, ele demonstra que o corpo editorial pretendia publicar uma das revistas mais influentes no Brasil, como na frase a seguir:

Onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os demais leitores do País. Pois Veja quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros^{XVI}.

Além de reconhecimento nacional, a revista desejava um Brasil de forma unida, sem regionalismos e preconceito e que isso poderia ser feito através da informação. A revista tinha como objetivo apresentar ao povo brasileiro os mais diversos assuntos, tecnologia, ciência, negócios, religião e educação são alguns dos assuntos citados por Victor Civita em sua Carta do Editor. A revista Veja cobriu toda a trajetória de Collor durante a eleição presidencial de 1989. No decorrer desse período, foram publicadas 50 edições e em suas páginas encontramos várias referências a Collor. A revista é publicada e distribuída pela Editora Abril e teve sua primeira edição nas bancas no dia 11 de setembro de 1968. Segundo o Almanaque Abril do ano de 1990, a Veja foi considerada a revista de maior circulação no território nacional nos anos de 1987 e 1988, com média de circulação paga de 774,4 mil e 739,3 mil respectivamente^{XVII}.

O acervo da Revista Veja encontra-se totalmente digitalizado e disponível para consulta gratuita em seu site na internet. Também encontramos o acervo físico do impresso em várias bibliotecas públicas. A pesquisa foi feita em ordem cronológica, iniciando nas primeiras edições do mês de janeiro de 1989 e terminando na última edição do mesmo ano.

Cartas à Redação

Os meios de comunicação, cada vez mais inseridos no dia a dia da população, buscavam, de diferentes maneiras, noticiar e debater os acontecimentos desses anos de incertezas políticas e econômicas. Apesar do apelo social da mídia, a relação dos leitores era bem diferente da que assistimos no cenário atual, em que a interatividade com o público é intensa e buscada. Assim, ao pesquisarmos registros e testemunhos sobre a época em questão, nos deparamos com as Cartas à Redação, que a partir da teoria circular da informação, se tornaram a forma mais usual de diálogo entre os meios de comunicação e o público. Tais cartas ainda são publicadas em seções reservadas entre as primeiras páginas de revistas e jornais impressos e servem de espaço para o leitor dar respostas, sugestões e opiniões sobre o conteúdo de edições anteriores, comentando assim reportagens, artigos e notícias recentes.

Como sabemos, os meios de comunicação não são imparciais, eles expressam o pensamento e a ideologia de seus editores e a seção “Cartas à redação” pode ser percebida como estratégia de abertura, imparcialidade, polifonia e relação dialógica e democrática dos meios de comunicação. Essas estratégias visam, entre outras questões, a credibilidade e a fidelização do público. Mesmo com tal concepção, é importante ressaltar que a carta, ao ser recebida:

Pode sofrer modificações que resultem na reformulação do texto original. Por razões de espaço físico da seção ou pelo teor da argumentação, a carta pode ser resumida, parafraseada, informações podem ser cortadas e, nesse corte, pode haver um novo direcionamento argumentativo^{XVIII}.

Essa seção não faz o diálogo apenas entre o leitor e o corpo editorial, diferente das correspondências particulares, as cartas possuem um caráter público onde há interação entre os remetentes e os leitores. As cartas à redação ainda são fontes pouco exploradas pela pesquisa historiográfica, elas são registros, testemunhos, e a partir delas podemos descobrir e analisar a opinião de parte do público do impresso sobre determinados assuntos. Essa fonte de pesquisa nos permite perceber expectativas, recepções, frustrações e outras formas de expressão, que são elementos de discurso recorrentes nesse tipo de texto.

Ao utilizar tais cartas públicas como fonte histórica é importante estar ciente de que tais publicações possuem relevantes diferenças das cartas privadas, portanto, não podem ser tratadas da mesma forma. Essa seção não faz o diálogo apenas entre o leitor e o corpo editorial, diferente das correspondências particulares, as cartas à redação, ao possuírem um caráter público, de convencimento, e proporcionam a interação entre os remetentes e os leitores.

Ao escrever uma carta com a intenção de que a mesma seja publicada, o leitor tenta convencer a redação que sua carta deve ser divulgada, portanto, o pesquisador deve estar ciente de que tais publicações possuem relevantes diferenças em comparação com as cartas privadas e não devem ser tratadas da mesma forma pois:

Diferentemente das cartas pessoais, de cunho privado, a carta de leitor tem um caráter público, eminentemente aberto. Não se escreve para um parente querido, um amigo próximo, ou um jornalista em especial, mesmo quando parece ser o caso. Escreve-se para os possíveis leitores, que, podendo ser qualquer um, são todos, é o público leitor, heterogêneo e bastante indeterminado^{XIX}.

Segundo Cristina Teixeira Vieira de Melo, as cartas à redação possuem vários atos de fala que podem variar entre reclamações, críticas, protestos, denúncias, lamentações, pedidos,

respostas, informações, esclarecimentos, correções, elogios, congratulações, agradecimentos, apoio, etc. O remetente da carta passa através das cartas à redação a:

Participar do debate público, podem-se fazer ouvir, opinar sobre o que está acontecendo nas diferentes esferas sociais, podem tomar parte nas discussões de caráter político, econômico e social que estão em foco. A carta à redação transforma-se, portanto, num espaço de discussão, de embate de opiniões. Nas cartas, os leitores defendem ideias, doutrinas, crenças, ou seja, posicionam-se publicamente como sujeitos^{XX}.

No decorrer do período de redemocratização, a seção Cartas à Redação serviu como meio para os leitores demonstrarem seus receios e expectativas sobre o futuro do país. Com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988, que definiu a realização da eleição presidencial para o dia 15 de novembro de 1989, a publicação de cartas com teor político se intensificou e a disputa eleitoral tornou-se tema recorrente de debate entre os leitores.

Herói ou vilão?

Ao escolher e analisar as cartas, percebemos como é próxima a relação entre os depoimentos e a memória. O leitor tinha suas expectativas a respeito das eleições de 1989 e das mudanças que ela pode proporcionar para o país a partir de suas memórias e interesses. Podemos confirmar a insatisfação popular com a situação do país e a frustração com os acontecimentos passados. Durante a pesquisa dialogamos com a História Social, História Política, Linguística, memória e imprensa. Diante da especificidade da fonte histórica e do recorte temporal em estudo, buscou-se também contribuir com a produção histórica sobre o período na confluência de análises que dialogam com o social, o político e a mídia.

A maioria dos depoimentos trata Collor de duas diferentes maneiras, podemos notar de imediato notar uma dualidade de perfis e representações a respeito do candidato nas Cartas à Redação publicadas no decorrer do recorte temporal proposto. Essa dualidade ocorre durante todo o período eleitoral, onde as opiniões a respeito de Collor são mistas mas dentro de um padrão entre “herói” ou “vilão”, ocorrendo com frequência acentuada principalmente nos meses próximos às eleições.

Estudos e também a memória popular atribui à revista Veja e outros meios de comunicação apoio a Collor, mas diferente dessas memórias que acusam a Veja de beneficiar o candidato, um número considerável de cartas publicadas pela revista durante o ano de 1989 fazem referência ao candidato com teor pejorativo. Buscando compreender tal aspecto, podemos pensar em dois aspectos, o primeiro, a busca por uma suposta imparcialidade da Revista Veja, equilibrando o número de depoimentos; em segundo podemos ressaltar que apesar de ter a maioria das intenções de voto e ser lembrado até os dias atuais como o candidato ideal, Collor foi escolhido por 30,45% dos eleitores no primeiro turno e por 53,03% no segundo turno, portanto, um grande número de eleitores reprovou o candidato à presidência, o que justifica também a dúvida e a desconfiança sempre presente nas cartas publicadas.

Podemos perceber pela a análise das cartas publicadas dois principais perfis para denominar Collor e dentro desses perfis suas variações: o “herói nacional”, como um candidato que veio para mudar o país para melhor, jovem, moderno e íntegro, o “caçador de marajás”, que combateu a corrupção no estado de Alagoas e estava preparado para acabar com o mesmo problema a nível nacional; e o inexperiente, demagogo, que seria apenas mais

CARTAS À REDAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA. TEMORES E AS EXPECTATIVAS PARA AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1989

WILLIAN SANTOS PEREIRA

um, sendo sempre representado como um candidato fraco e principiante, sem alianças políticas e econômicas.

Mesmo com alta popularidade, sendo lembrado até os dias atuais como o candidato ideal durante as eleições, a análise das cartas comprovou que grande parte dos leitores desprezava e temia a ideia de ter Collor como presidente da República. Também é notável como a experiência dos candidatos é colocada em questão, podemos ver como a memória do leitor relacionada à trajetória de Collor constrói a opinião sobre o mesmo no presente:

Hilariante. Este é o termo que se adapta perfeitamente à posição adotada pelo senhor Collor de Mello em relação à sua ausência aos debates de televisão. Suas justificativas ratificam seu despreparo e vacuidade ideológica. De um candidato como Collor, sem história de luta, sem embasamento teórico, muito menos prático, não se espera muito, além de sorrisos e discursos vazios. Edição 1092 - 16 de agosto de 1989^{XXI}.

As cartas, principalmente as do estado de Alagoas, frequentemente discutem o passado de Collor, principalmente por suas alianças com políticos considerados duvidosos. Podemos perceber como a frustração em movimentos passados reflete em questões presentes, quando alguns leitores evidenciam e condenam a escolha do então candidato, que fora contra alguns atos da redemocratização:

Com relação à reportagem “O astro da largada” (17 de maio), é decepcionante ver os brasileiros se agarrarem a uma “tábua de salvação” tão podre. É bom lembrar aos eleitores inconscientes que o Collor de hoje continua sendo o mesmo que apoiou os decretos de arrojos salariais e que votou contra a ementa Dante de Oliveira, ou seja, contra a eleição direta para presidente da República. Edição 1081 – 31 de maio de 1989^{XXII}.

Percebemos o temor do retorno da época em que os militares governavam o país, e muitas vezes os leitores identificavam Collor e seus ideias com os tempos de ditadura: “Collor de Mello é o Cavalo de Tróia que a direita prepara para o eleitor a fim de manter os privilégios dos beneficiários do regime de 64”^{XXIII}; “É lamentável que após 29 anos sem eleições o povo leve para o segundo turno o senhor Collor de Mello, um homem comprometido com as forças que impuseram a Ditadura Militar nesse país”^{XXIV}. “O candidato do PRN (Collor) é o representante da elite política que mamou durante a ditadura”^{XXV}.

Em contraposição, muitos leitores apoiavam o candidato e achavam que ele seria a única solução para os problemas do país, se tornando o “salvador da pátria”, principalmente por sua integridade e jovialidade:

No mínimo excelente a reportagem “O Astro da Largada” (17 de maio) sobre o candidato à Presidência Collor de Mello. O povo brasileiro precisa de um homem com o qual se identifique, que seja jovem, competente, determinado e, sobretudo, disposto a acabar com a imoralidade e a corrupção. Edição 1084 – 21 de junho de 1989^{XXVI}.

Devido à situação em que o país se encontrava e depois de todas as frustrações ocorridas durante os acontecimentos da abertura política, a redemocratização e a possibilidade de escolha deu a alguns eleitores a esperança de um Brasil novo e devido às características referentes ao candidato, muitos leitores se apropriaram de seu discurso, tornando a eleição de Collor como um divisor de águas na história do Brasil:

CARTAS À REDAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA. TEMORES E AS EXPECTATIVAS PARA AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1989

WILLIAN SANTOS PEREIRA

Sobre a reportagem “O Astro da Largada”, quero dizer que Fernando Collor de Mello é a única luz existente neste buraco negro que é o Brasil. O país precisa, sim, de um presidente novo, com ideias novas, para construir um Brasil novo. Edição 1082 – 7 de julho de 1989^{XXVII}.

Não descartamos a possibilidade de contribuição ou desamparo político por parte da revista *Veja* em seu conteúdo fora as Cartas à Redação, mas durante a análise dessa seção percebemos certa dualidade de perfis. O estudo proporcionou um estudo da imprensa e das diferentes vozes sociais, através dos leitores que escrevem suas cartas a redação, nesse evento tão importante da história política brasileira. Ao propor analisar e fazer um estudo sobre cartas enviadas por leitores que foram publicadas na revista *Veja* o pesquisador pode partir de um estudo do campo historiográfico, analisar a outra face da mídia no cotidiano e a experiência de seu leitor. Podemos, portanto, notar como o mesmo se porta em relação às publicações dos periódicos, onde o remetente pode concordar ou discordar, dar sugestões, opiniões, respostas e criticar algo relacionado ao impresso, valorizando a narrativa, o discurso social e político e a relação entre imprensa e público.

Percebemos também como o leitor escreve seus depoimentos a partir da memória, das suas experiências e saberes. Em várias cartas o leitor julga Collor a partir de um conhecimento prévio e não como se o candidato fosse uma novidade construída pela revista *Veja*. Além do julgamento do candidato a partir da memória a respeito dele e dos acontecimentos do país, podemos destacar também a frustração com a situação do país, e o diálogo entre o medo e a esperança com o que poderia acontecer com o mesmo, tal conteúdo sempre está presente no decorrer das cartas.

Conclusão

A memória é um interessante objeto de estudo e cada vez mais é valorizada no ambiente acadêmico. Memória e História Social se entrelaçam e a partir do estudo em conjunto das duas áreas podemos perceber detalhes de como era o cotidiano, os costumes e os saberes de determinada época. Apesar das dificuldades enfrentadas devido à preocupação com subjetividades, historiadores estão aprendendo a conciliar a memória com seus trabalhos, respeitando sua autonomia e contexto.

Esse artigo não utilizou a entrevista oral como fonte historiográfica, utilizamos a mídia e a partir dela conhecemos um amplo campo de ideias e desejos, nas chamadas Cartas à Redação. O uso da imprensa como fonte historiográfica é um importante aliado para os historiadores, nessas publicações podemos perceber as mudanças sociais, as mudanças de costumes, evoluções diagramais, fotográficas, como a forma de pensar e se expressar se modifica com o passar do tempo, práticas e representações referentes ao cotidiano do leitor, redação e local de abrangência da publicação em análise. O estudo das cartas enviadas à redação é recente e busca dar voz aos diversos atores sociais. As cartas são testemunhos, relatos publicados no calor do acontecimento, que demonstram a memória de acontecimentos passados, expectativas e apropriações dos leitores e constroem assim, um diálogo entre leitores e redação. A pesquisa buscou brevemente entender essa fonte e relacioná-la a um acontecimento histórico pouco estudado, evidenciando a importância da fonte e a possibilidade de pesquisa histórica com a mesma e valorizando um acontecimento tão importante que ainda é pouco estudado na História.

Notas

^I Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ, sob orientação da Profa. Dra. Andrea Casanova Maia. E-mail: williansantoshistoria@gmail.com

^{II} FICO, Carlos. “História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis o caso brasileiro” VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p., jan/jun 2012.

^{III} SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*; tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. P. 24-25.

^{IV} ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. Princípios & Procedimentos. Pontes. p. 18.

^V CRESTANI, Luciana Maria. *A Participação do Leitor Como Co-Enunciador em Jornais Impressos e On-Line: Abordagem À Luz da Enunciação*. Vivências. Vol. 6, N. 9, Maio/2010. p. 36.

^{VI} CRESTANI, Luciana Maria. *Idem*.

^{VII} BARROS, Diana Luz Pessoa de. “A Comunicação Humana”. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística - Volumes 1 e 2: A comunicação humana*. p. 48.

^{VIII} BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 339.

^{IX} CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil, o longo caminho*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 7.

^X CARVALHO, José Murilo de. *Ibidem*. p. 204.

^{XI} Disponível em <https://www.sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/1989> Acesso em: 27 de outubro de 2015.

^{XII} BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso: 27 de outubro de 2015.

^{XIII} “Braçadas tranquilas”. *Veja*, São Paulo. Edição 1.084, n. 24, junho de 1989. p.39.

^{XIV} Disponível em <https://www.sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/1989> Acesso: 27 de outubro de 2015.

^{XV} CONTI, Mario Sérgio. *Notícias do Planalto: A imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 97.

^{XVI} CIVITA, Victor. Carta do Editor. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, a 01, n. 1, p. 20-21, set. 1968.

^{XVII} *Almanaque Abril: A Enciclopédia em um volume*. São Paulo: Editora Abril, 1990.

^{XVIII} NOVAES, Ana Maria Pires. “O Discurso Dialógico no Gênero Cartas do Leitor”. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v.3, Número 2, Mai. - Agosto. 2012. p. 3.

^{XIX} MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Campinas, São Paulo, 1999. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. p. 23.

^{XX} MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Campinas, São Paulo, 1999. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. p. 25.

^{XXI} MOREIRA, Michaela. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1092, 16 de agosto de 1989. p.15.

^{XXII} CARLOS, Gislaine Azevedo. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1081, - 31 de maio de 1989.

^{XXIII} CHAGAS, Cesar Martins. . “Cartas”, *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1082 – 07 de junho de 1989.

^{XXIV} PICONI, José Alexandre. “Cartas”, *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1108 – 06 de dezembro de 1989.

^{XXV} MENEZES, Romulo Martins de. “Cartas”, *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1108 – 06 de dezembro de 1989.

^{XXVI} OLIVEIRA, Marco Nonato de. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1084, - 21 de junho de 1989 p. 18.

^{XXVII} ALMEIDA, Claudio Luiz Goes de. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1081, - 31 de maio de 1989.

Referências

Fontes

Almanaque Abril: A Enciclopédia em um volume. São Paulo: Editora Abril, 1990.

Acervo Digital VEJA. *Veja*. 1988-1992. Ed. 1061 a 1268. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

Acervo físico da revista VEJA. *Veja*. 1988-1992. Ed. 1061 a 1268. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal Ataliba Lago, Divinópolis – MG.

ALMEIDA, Claudio Luiz Goes de. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1081, - 31 de maio de 1989.

“Braçadas tranquilas”. *Veja*, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1.084, 21 de junho de 1989.

CARLOS, Gislaine Azevedo. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1081, - 31 de maio de 1989.

CHAGAS, Cesar Martins. . “Cartas”, *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1082 – 07 de junho de 1989.

MENEZES, Romulo Martins de. “Cartas”, *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1108 – 06 de dezembro de 1989.

MOREIRA, Michaella. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1092, 16 de agosto de 1989.

OLIVEIRA, Marco Nonato de. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1084, 21 de junho de 1989.

PICONI, José Alexandre. “Cartas”, *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1108 – 06 de dezembro de 1989.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, D. L. P. de. “A Comunicação Humana”. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística - Volumes 1 e 2: A comunicação humana*.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil o longo caminho*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARTAS À REDAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA. TEMORES E AS EXPECTATIVAS PARA AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1989

WILLIAN SANTOS PEREIRA

CONTI, Mario Sérgio. *Notícias do Planalto: A imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CRESTANI, Luciana Maria. *A Participação do Leitor Como Co-Enunciador em Jornais Impressos e On-Line: Abordagem À Luz da Enunciação*. Vivências. Vol. 6, N. 9, Maio/2010.

FICO, Carlos. “História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis o caso brasileiro” *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, jan/jun 2012

FREITAS, Renata Suely. “Identidade, imagem e ética na comunicação política”. *Revista de C. Humanas*, Viçosa, Vol. 9, N. 2, jul./dez. 2009.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Campinas, São Paulo, 1999. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

NOVAES, Ana Maria Pires. “O Discurso Dialógico no Gênero Cartas do Leitor”. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v.3, Número 2, Mai. - Agosto. 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. Princípios & Procedimentos. Pontes.

PEREIRA, Roberto Mendes Ramos. “Os Desafios da História (Política) do Tempo Presente”. *OP SIS*, Vol. 7, N. 9, jul-dez. 2007.

SADER, Emir. *A transição no Brasil: Da ditadura à democracia?* – São Paulo: Atual, 1990.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*; tradução: Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SANTOS, Anderson dos. *O espetáculo na política brasileira: a despolitização do político através das imagens de Fernando Collor nas capas da revista VEJA (1988-1992)*. 2008. 255 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

Referências eletrônicas

Atlas das Eleições Presidenciais no Brasil. Disponível em <https://www.sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/1989> Acesso: 16 de março de 2017.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso: 16 de março de 2017.